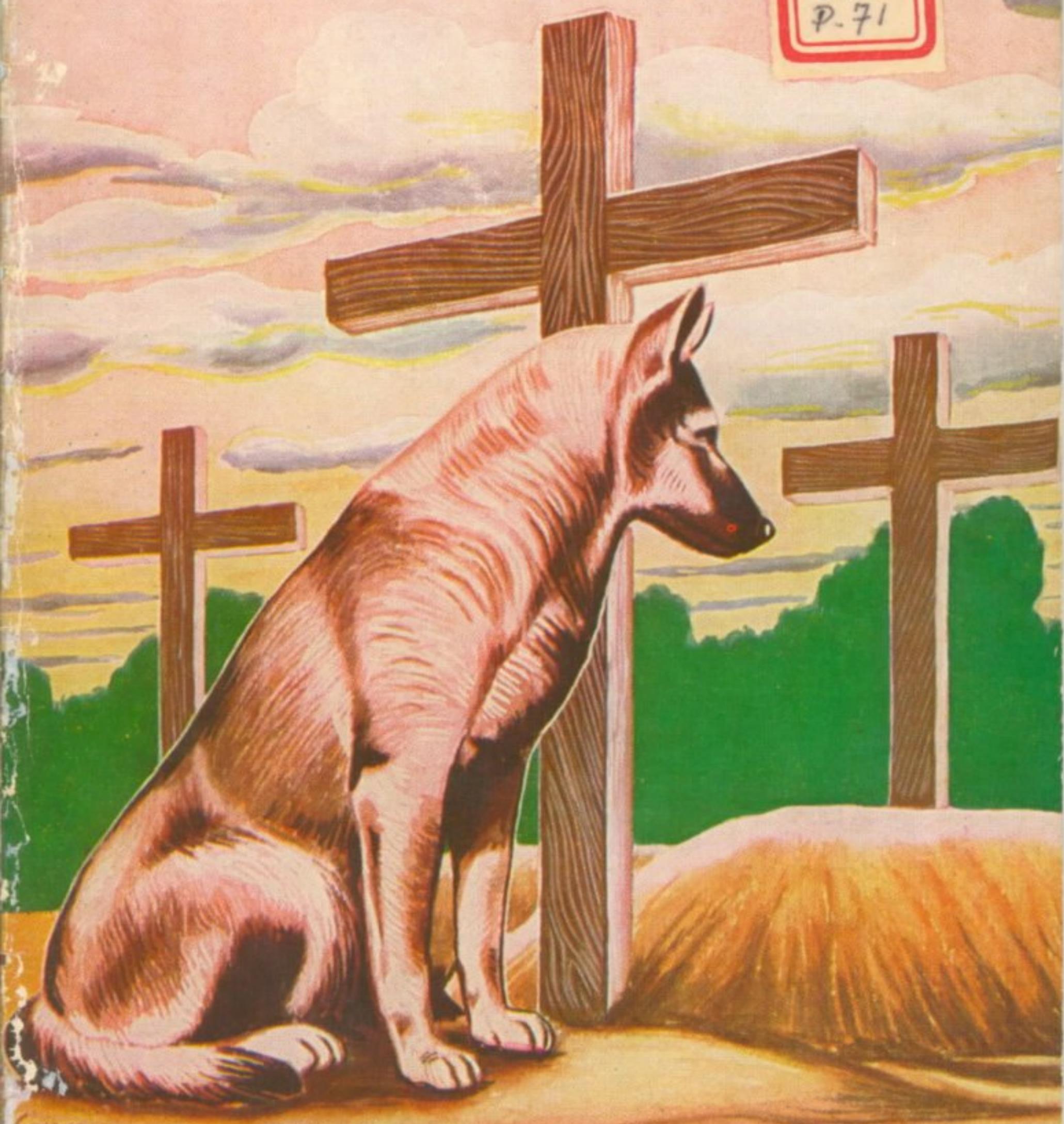


MANOEL PEREIRA SOBRINHO

227

# O CACHORRO DOS MORTOS

236  
P. 71



Sniaga

2.250  
MANOEL PEREIRA SOBRINHO

★

# O CACHORRO DOS MORTOS

© Copyright 1957 — Editora Prelúdio Limitada  
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade  
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.048

★

EDITORA  
 **Prelúdio** LDA

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

**O CACHORRO DOS MORTOS**

Romance acontecido no ano de 1806, no tempo do Império, no Estado da Bahia. Um crime que abalou todo o território baiano e um cão fiel à seus donos descobriu o criminoso.



Deus, senhor dos navegantes,  
Farol que brilha nos portos,  
Senhor de todas as coisas  
Alegria nos desportos;  
Dai-me idéia de versar  
O cão — Cachorro dos Mortos.

Nesta obra provarei  
O poder do Criador  
A lei da compensação  
Dada pelo Salvador  
E quanto um cão é fiel  
E estima seu senhor.

Um cão fiel a seu dono  
E' um verdadeiro amigo  
Pois por ele arrisca a vida  
No mais tremendo perigo  
E depois do dono morto  
Inda véla o seu jazigo!

E muitas vezes defende  
O dono da dura morte  
Ou persegue o criminoso  
Que lhe deu terrível sorte;  
Veja este grande exemplo  
Que há tempos se deu no norte:

Na provincia da Bahia,  
Perto de São Salvador  
Sebastião de Oliveira,  
Ferreiro e agricultor  
Criava sua familia  
Com harmonia e amor.

Vivia de sua arte  
E na roça trabalhava,  
Duas filhas costureiras  
E a esposa fiava;  
Um filho, jovem estudante  
Que o velho tanto o amava.

Dona Maria da Glória  
Era sua esposa amada;  
Os nomes das duas filhas:  
Angelita e Esmeralda;  
Floriano era o rapaz  
De ação nobre e honrada.

Esmeralda e Angelita  
Pareciam dois arcanjos:  
O cabelo pelos ombros  
Sem menores desarranjos;  
Ali era um paraíso  
Elas — dois divinos anjos...

Perto da propriedade  
Do senhor Sebastião  
Residia um hespanhol,  
Homem rico de milhão  
Elisiário Amorim  
Homem de bom coração.

Porem tinha ele um filho  
Por nome de Valdivino  
Rapaz de más intenções  
E que tornou-se assassino  
Por sua depravação  
Foi bem triste seu destino.

A casa das belas jovens  
Ele sempre frequentava  
Para ver se Angelita  
A ele simpatizava  
Mas dava passos em vão  
Porque ela o odiava.

Certo dia Valdivino  
Resolveu se declarar  
Perguntando: Angelita,  
Comigo queres casar?  
Estás no meu coração  
Só a ti desejo amar!

Angelita sem demora  
A ele desenganou;  
Valdivino com aquilo  
Na sua alma se agravou  
Porem fingindo contente  
Para ela assim falou:

Angelita, tú bem sabes  
Que sou um rapaz solteiro  
Dinheiro tenho bastante  
E meu pai é fazendeiro  
Portanto sou a fortuna  
Para a filha dum ferreiro!

Disse ela: Mas, não sabes?  
Nós vivemos costurando;  
Meu pai trabalhava na arte  
Minha mãe vive fiando;  
Meu irmão é empregado  
Muito bem vamos passando!

Portanto, não me interessa  
De casar contra à vontade  
Você é rico, eu sou pobre  
Mas não lhe tenho amizade  
Procure então a que seja  
Da sua sociedade.

Valdivino retirou-se  
Mas com natureza aflita  
Pensando qual era o meio  
De conquistar Angelita  
Pois sem ela Valdivino  
Achava a vida esquisita.

Pensava ele em forçá-la  
Porem viu que não podia:  
O irmão dela era amigo  
Do governo da Bahia  
E as consequências depois  
Ele pensando temia.

Pensou também em matar  
A Floriano, irmão dela  
Para dele ficar livre  
Porque a quadra era aquela;  
Matar também Esmeralda  
E forçar Angelita bela.

Porem só faria isto  
Por meio duma emboscada  
E prá não ser descoberta  
Aquela horrenda cilada  
Mas dizia: Meu dinheiro  
Faz toda pena anulada!

Foi quando naquela época,  
Segundo diz a história,  
Havia êrro de extrema  
Entre Bahia e Vitória;  
Sebastião de Oliveira  
Era que tinha em memória.

Os governos das províncias  
Como tinham precisão  
De acertar os limites  
Sem haver revolução  
Chamaram o velho Oliveira  
Aquela justa missão.

E seu filho Floriano  
Foi quem levou o recado  
Do governo da província  
Conforme diz o tratado  
Porem ao chegar em casa  
Tinha o velho viajado.

Pois um de seus animais  
Tinha desaparecido  
E um amigo escreveu  
Que lá tinha aparecido  
Porisso Sebastião  
De casa havia saído.

Razão porque Floriano  
Em casa não o achou  
E contente nessa noite  
Com as irmãs pernoitou  
Deixou prá o velho o ofício  
Pela manhã viajou.

Calar, um cachorro velho  
Que Sebastião criava  
Acompanhou Floriano  
Porque muito o estimava  
Floriano inda ralhou  
Porem o cão não voltava.

No trilho que Floriano  
Passava havia u'a mata:  
No flanco duma colina  
Despenhava uma cascata  
Valdivino o esperava  
Com alma negra e ingrata.

Valdivino que não pôde  
Convencer a Angelita  
Achou que matando ele  
Melhorava sua dita  
Tocaiou-lhe no caminho  
Com sua idéia maldita.

Com um bacamarte na mão  
Na mata se ocultou  
Floriano ia passando  
Valdivino o alvejou  
Ele caiu numa poça  
De sangue, ali expirou...

Calar, o velho cachorro  
Contra o bandido avançou;  
Ele puxou pela faca  
Ao cachorro esperou  
Deu mais de vinte facadas  
Porem nenhuma acertou.

O cão voltou para casa  
Aonde o dono morava  
Uivava e muito latia  
Como que o crime narrava;  
Coisa que qualquer pessoa  
Vendo aquilo lamentava.

Angelita e Esmeralda  
Logo ali se levantaram  
Vendo do cão a lamúria  
Na hora o acompanharam  
Com corda prá trazer lenha  
Coisa nenhuma maldaram.

Supunham que o cachorro  
Estivesse agoniado  
Porque Floriano havia  
De casa se retirado  
Chegando nessa colina  
Viram seu mano estirado.

Vendo Floriano morto  
Cairam em cima chorando;  
Valdivino que estava  
Sua arma carregando  
Em Esmeralda fez ponto  
A arma foi disparando.

Angelita coitadinha  
Vendo sua irmã cair  
Em sangue se esvaindo  
Correu a ela acudir  
Viu Valdivino sorrindo  
Do pé da moita sair.

Ela disse: Miseravel!  
Bandido, sem coração!  
Me dizes: Porque mataste  
Minha irmã e meu irmão?  
Oh! Meu Deus! Triste destino,  
Macabra situação!...

Eu não te quiz nem te quero  
Pois não te tenho amisade;  
Com teu instinto de féra  
Fizeste tal crueldade  
Que tinham meus dois irmãos  
Entre nossa inimisade?

Valdivino foi dizendo:  
Não quero ouvir discussão;  
Fiz isto por teu amor  
E não faça alteração  
Porque aqui nem Jesus  
Póde te dar salvação!

Nessa conversa Calar  
No assassino avançava  
Mas ele se defendia  
O cão pouco o alcançava  
De choro a pobre da jovem  
Em lágrimas se desmanchava.

Valdivino deu um pulo  
E com ela se abraçou  
Rolou com ela no chão  
Bem uma hora lutou  
Rasgou todo seu vestido  
Mas ela não lhe aceitou.

Então em dado momento  
Ela o lindo braço ergueu  
Com toda força que tinha  
No rosto dele bateu  
Ele cravou-lhe o punhal  
Angelita esmoreceu.

Pondo a mão na punhalada  
Ela para o céu olhou  
Vendo o sangue que corria  
Numa pedra se encostou  
E numa voz de aflição  
Quasi chorando exclamou:

Calar! Calar! Te arriscaste  
Pelos teus donos morrer  
Lutaste tanto por mim  
Afim de me defender  
Porem como não pudeste  
Deus há de te proteger!

Um dia, meu bom Calar,  
Pelo decreto divino  
Tú ficarás imortal  
Pois é este teu destino  
Levando às mãos da justiça  
Este cruel assassino!

Valdivino nessa hora  
Zombando deu gargalhada  
E disse: Não me quizeste  
Foste desafortunada  
Por ti morreu teu irmão,  
Morres tú e Esmeralda!



Ninguém viu e nem ouviu  
 Eu tornar-me criminoso  
 E se fosse descoberto  
 Meu pai é um poderoso  
 Me tirava da sentença  
 Eu folgaria em repouso.

Este cachorro não fala  
 De modo algum te redime  
 Daqui há pouco tú morres  
 Viverás noutro regime  
 E nem mesmo esse teu Deus  
 Descobrirá este crime.

Angelita disse: Monstro,  
 Eu estou neste degredo  
 Morrendo inocentemente  
 Porem fica este arvoredado  
 E este velho cachorro  
 Prá desvendarem o segredo.

Do alto Deus está vendo  
 Tua grande malvadeza  
 Dirá na hora oportuna  
 E tu não terás defesa  
 Passarás a mesma dor  
 Pagando tua vileza.

As flores são testemunhas  
 E um dia elas dirão;  
 Este pé de barauna  
 Te fará acusação  
 Da morte de minha mana,  
 Da minha e do meu irmão.

Tua própria consciência  
 Um dia te acusará  
 Calar dirá à justiça  
 E teu dia chegará  
 Tú tens de te arrepender  
 E o Justo te julgará!

Perdão tua fraqueza  
 E a tua covardia  
 Porque o homem de bem  
 Não faz tal selvageria  
 E nem fôrça uma donzela  
 Que não lhe tem simpatia.

Satisfeita vou morrer  
 Pois Deus me recebe honrada  
 Teu desejo indecoroso  
 Tornou-se em cinza espalhada  
 Vejo a corôa de flores  
 Prá mim no céu reservada!

Lá eu direi a Jesus  
 Que na vida nunca amei  
 Morri pela minha honra  
 E mal algum pratiquei  
 Só o mal que fiz na terra  
 Foi porque te perdoei.

Nessa hora em tôrno dela  
 Um poço de sangue havia  
 A feição dela fugindo  
 A face pálida e tão fria  
 Mas vendo Calar rosnando  
 Baixinho a ele dizia:

Calar, volte para casa  
 Diga à mamãe qu'eu morri  
 Varada por um punhal  
 E da matéria esqueci  
 Só me sinto conformada  
 Porque prá isso nasci!

Deus Senhor, a vós entrego  
 De muito boa vontade  
 O meu espírito de virgem  
 E deixo a humanidade  
 Ingrata, e, lhe perdoando  
 A traição e a maldade!

A mão que estava no peito  
Na última hora arreou  
Ela exausta, coitadinha,  
Para a direita tombou  
Com um sorriso nos lábios  
Naquele prado expirou!...

Nesse momento Calar  
Ouviu junto da cascata  
O pio dum corujão  
Bem no coração da mata  
Passou um "rasga-mortalha"  
Por cima da catarata...

Nesse ato, o criminoso  
De tudo se arrependeu  
E quasi desanimado  
Dali desapareceu  
Calar uivava tão forte  
Que até a mata gemeu!

Chegava até o lugar  
Onde Angelita jazia  
Com Esmeralda a irmã  
Caidas na terra fria  
Se enrolava em Floriano  
E tristemente grunhia.

Floriano estava morto  
Bem no centro da estrada  
Angelita ao lado esquerdo  
E à direita Esmeralda;  
A cena mais comovente  
Daquela éra passada.

Esmeralda debruçada  
À direita do irmão  
Com u'a mão estendida  
E outra no coração  
Os cabelos espalhados  
Ensanguentados no chão.

Chegava até o lugar  
Onde Angelita jazia  
Com Esmeralda a irmã  
Caidas na terra fria  
Se enrolava em Floriano  
E tristemente grunhia.



E Floriano que estava  
 À esquerda de Esmeralda  
 Tinha uma das mãos aberta  
 Estendida na estrada  
 Enquanto que a outra mão  
 Se conservava fechada.

Angelita no seu canto  
 Sem o menor desarranjo  
 Olhava pró firmamento  
 Parecia até um anjo  
 Ouvia a música celeste  
 Tocada por um arcanjo.

Calar contemplando os três  
 Cada um ele beijou  
 Uivou demoradamente  
 Até pranto derramou  
 Como quem dá um adeus  
 E dali se retirou.

Correu até à morada  
 Num desespêro e uivando  
 Dona Maria da Glória  
 Nisso foi se levantando  
 O cachorro olhava ela  
 Com ar de quem vai chorando.

Dona Maria saiu  
 Um tanto desconfiada  
 Calar seguia na frente  
 Fazendo a maior zuada;  
 Ela cheia de espanto  
 Seguiu pela dita estrada.

Adiante vê o cachorro  
 Parar num certo lugar  
 Ela deu com os três mortos  
 E tratou de examinar  
 Reconhecendo os três filhos  
 Ali teve que pasmar.

Voltou coberta de prantos  
 Fazendo enorme alarido  
 Quando em casa foi chegando  
 Já encontrou o marido;  
 Quasi sem poder falar  
 Contou-lhe o acontecido.

Ele nem ouviu direito  
 Correu logo a todo pano  
 O cachorro acompanhou  
 Num sentimento tirano  
 Achando morta Angelita,  
 Esmeralda e Floriano.

Voltou em casa ligeiro  
 À esposa interrogou;  
 Ela de nada sabia  
 Porisso nada contou;  
 Ele selou um cavalo  
 Pró capital viajou...

Lá contou tudo à justiça  
 O triste acontecimento  
 O govêrno se encheu  
 Do maior constrangimento  
 Seguiu junto ao local  
 Naquele mesmo momento.

Nada lá pôde saber  
 Mas o cachorro Calar  
 Bastante uivava e latia  
 Não queria nem deixar  
 Removerem os três defuntos  
 Desse sangrento lugar.

E naquele verde prado  
 Fizeram o sepultamento  
 Edificaram uma capela  
 Prova do falecimento  
 Das três almas inocentes  
 Que sofreram esse tormento.

Nos oito dias depois  
 Dona Maria morreu  
 Sebastião de Oliveira  
 Com dez dias faleceu  
 Só ficou o cachorrinho  
 Cumprindo o destino seu.

O dia inteiro nas cruces  
 Toda hora o cão uivava  
 Dormia na cruz do meio  
 E as outras vigiava  
 O crime ninguém sabia  
 Porque Calar não falava.

O governo ofereceu  
 Um emprego de valor  
 E vinte contos de réis  
 Para qualquer um senhor  
 Que achasse o criminoso  
 Praticante desse horror.

Porem não aparecia  
 Quem desse uma informação  
 Porque sómente Calar  
 Sabia a situação  
 Porem porque não falava  
 Não dava a explicação.

Até seu Elisiário  
 O pai do tal Valdivino  
 Dava quantia avultada  
 Na péga do assassino  
 Sem saber que era o filho  
 Que fez cruel desatino.

No lugar daquelas mortes  
 Era uma encruzilhada  
 Nasceu um jardim de flores  
 Que parecia de fada  
 Então dessas lindas flores  
 Cada cruz era enfeitada.

Surgiram muitas promessas  
 Houve milagres provados  
 A notícia se espalhou  
 Que os três assassinados  
 Devido à sua inocência  
 Estavam santificados.

E já no ano seguinte  
 Começou uma festinha  
 Venerando àquelas cruces  
 E também a capelinha;  
 Até o governador  
 Todo ano à festa vinha.

Da Capital da Bahia  
 Na véspera de ano novo  
 A gente se reunia  
 Vinha todo aquele povo  
 E o lugar das Três Cruces  
 Se enchia como um ôvo.

Em oitocentos e nove  
 A festa estava animada;  
 O bispo, o governador  
 E um general da armada  
 Estavam num pavilhão  
 Dessa festinha sagrada.

Nisso o general olhou  
 Viu o cachorro chegar  
 E naquela cruz do meio  
 Começou ele a uivar  
 Depois beijar as três cruces  
 E ali triste se deitar.

O general perguntou  
 De quem era aquele cão  
 Por não saber do passado  
 Então nessa ocasião  
 O bispo lhe disse tudo  
 Calar prestando atenção.

Quando o general ouviu  
 Todo aquele conteudo  
 Disse: Que triste desgraça!  
 E' preciso muito estudo  
 Prá descobrir-se este crime  
 Só o cão sabe de tudo.

Si se achasse o assassino  
 Fosse no sul ou no norte  
 Dentre todos seus algozes  
 Seria eu o mais forte  
 E com minha própria mão  
 Daria-lhe dura morte.

Calar ouvindo a palavra  
 Lá da cruz se levantou  
 Chegando-se ao general  
 Os pés do mesmo beijou  
 Em sinal de agradecido  
 Depois prá cama voltou...

E como era no prado  
 A mata estava encostada  
 Assim que Calar voltou  
 Viu uma cobra enrolada  
 Bem na cruz de Angelita  
 Ele a fez estrangulada.

Esta cena de Calar  
 Chamou bastante atenção  
 Depois que matou a cobra  
 Sem levar um arranhão  
 No mesmo canto deitou-se  
 Como quem não fez ação.

Todo mundo acreditou  
 Que o cachorro sabia  
 Quem matou os seus senhores  
 E se falasse dizia  
 Porem como não falava  
 O mundo não saberia.

Mas porque a mão divina  
 Pesa sôbre todo o sêr  
 Para o amor ou castigo  
 Conforme o que merecer  
 Não há quem possa evitar  
 O gozo ou o padecer.

Valdivino de Amorim  
 Depois que silenciou  
 A voz daquela família  
 Nunca mais ali passou  
 E como também Calar  
 Nunca mais o encontrou.

Era uma tarde nublada  
 O ar estava sereno  
 A festa ia animada  
 Soprava o zefiro ameno  
 E algo de anormal  
 Surgia nesse terreno.

Os lindos galhos das plantas  
 Sinalizavam alegria;  
 As flores davam perfumes  
 Que no campo recendia;  
 O sol entre o nevoeiro  
 De vez em quando sorria!...

Chegou nisso um cavalheiro  
 Com o chapéu de setim  
 Trajado de roupa branca  
 Muita gente disse assim:  
 Este é o fazendeiro  
 Valdivino de Amorim.

Três anos eram passados  
 Sem nada se descobrir  
 Calar vivendo nas cruces  
 Sem um minuto sair  
 Até que o tal assassino  
 Veio no local surgir.

Havia aí nessa festa  
Dele a linda namorada  
Que ali foi romper o ano  
De seus pais acompanhada;  
Valdivino não maldava  
De cair na emboscada.

Assim que ele chegou  
Calar começou rosnar  
Avançou no rosto dele  
Querendo mesmo rasgar  
Uivava, se arrepiava  
De fazer admirar.

O general detetive  
Disse prá o governador:  
Juro como o criminoso  
E' este nobre senhor  
Que acaba de chegar  
Mostrando brilho e valor!

Disse o bispo: Este senhor  
E' Valdivino Amorim.  
O governo disse: Então  
Foi este monstro Caim  
Autor da selvageria  
Isto bem parece a mim!

E nessa hora Calar  
Já pelo chão a rolar  
Fitava bem para o céu  
Como quem quer confirmar  
Fazia tanta lamúria  
Que faz pena se contar.

O general pesquisando  
Tomou aproximação  
De Valdivino Amorim  
E lhe disse: Cidadão,  
Chegue aqui até à mesa  
Ele lhe disse: Pois não!

Sentou-se ali bem contente  
O senhor bispo falou:  
Valdivino, foi você  
Que o crime praticou  
Na família de Oliveira  
Pois o cão já confessou...

Cão não fala, senhor bispo;  
Valdivino respondeu,  
Como se pôde provar  
Que o criminoso sou eu?  
Eu gostava de Angelita  
E o pai era amigo meu!

O general disse: Agora  
Acabou de relatar.  
Talvez ela não lhe amasse  
O senhor prá se vingar  
Matou ela e os dois irmãos  
Prá nenhum denunciar!...

E Calar enfurecido  
Em Valdivino avançou  
Com os olhos como fogo  
E só não o estraçalhou  
Porque nas costas do bispo  
O monstro se agarrou.

Chegou nisto uma criança  
Com uma carteira na mão  
Já velha porem perfeita  
Com a seguinte inscrição:  
"Hoje eu mato Floriano  
Que d'Angelita é irmão".

"E si não puder matá-lo  
Hoje mesmo levo fim;  
Angelita não me quer  
Tenho que fazer assim  
Salvador, 13 de julho.  
Assina: V. Amorim".

O bispo vendo a carteira  
 À criança interrogou:  
 Meu filho, esta carteirinha  
 Aonde você achou?  
 Disse a criança: Num ninho,  
 E com medo lh'a entregou.

Disse a criança: Seu padre,  
 Eu caçava um passarinho  
 Lá naquela barauna  
 Desmanchando grande ninho  
 Encontrei esta carteira  
 Mas tudo está inteirinho...

O bispo se levantou  
 E chamou o general  
 O govêrno e Valdivino  
 Até o dito local  
 Sem explicar nada a eles  
 Até a hora final.

Lá na velha barauna  
 Viram o ninho desmanchado,  
 O pau em que Valdivino  
 Ficou ali encostado  
 Para fazer as três mortes;  
 O tronco em baixo era ocado.

O bispo ao general  
 A carteirinha mostrou  
 Este ao chefe da província  
 Que quando leu se espantou  
 Valdivino quiz correr  
 O general o segurou.

E foi dizendo: Você  
 Só merece o menospreso:  
 Destruir duas donzelas  
 E um rapaz indefeso!  
 Descubra logo a verdade  
 De minha ordem estás preso!

Quando Calar ouviu isto  
 Correu depois se deitou;  
 Fez diversas piruêtas  
 Foi ao general, beijou  
 Grunhiu em sinal d'alegre  
 E pelo chão embolou...

Nesse momento o remorso  
 Atacou a Valdivino  
 Que perante a autoridade  
 Confessou o desatino  
 Que praticara, e por que  
 Tornou-se nesse assassino.

O povo daquela festa  
 Logo depois de ouvi-lo;  
 Avançou para o rasgar  
 Valdivino vendo aquilo  
 Pediu ao Governador  
 E ao bispo prá garanti-lo.

O general nessa hora  
 Mandou que déssem a Calar  
 Um lombo; porem, de alegre  
 Nele o cão não quiz tocar;  
 Acompanhou Valdivino  
 Até na prisão chegar.

Quando Elisiário soube  
 Ficou em perturbação  
 Para retirar o filho  
 Daquela situação,  
 Disse: Eu irei tentar  
 Inda que gaste um milhão!

Foi à noite na cadeia  
 E disse ao carcereiro:  
 Si quer soltar Valdivino  
 Eu lhe dou muito dinheiro;  
 Duzentos contos de réis  
 Você vai pró estrangeiro!

O carcereiro lhe disse:  
 Isto não posso fazer  
 Pois o governo me mata  
 De nada vai me valer...  
 Elisiário inda disse:  
 Tenho aonde lhe esconder.

Porem de modo nenhum  
 O carcereiro aceitou;  
 O velho voltou prá casa  
 Velando a noite passou  
 E madrugada o coitado  
 De desgosto se enforcou.

A noiva de Valdivino  
 Sabendo o que aconteceu  
 Envergonhada na hora  
 Tomou veneno e morreu  
 A mãe dele morreu louca;  
 Tudo que tinha perdeu...

Com três dias a justiça  
 Reuniu-se prá julgar  
 O monstruoso Amorim  
 Presente o fiel Calar  
 E a pena competente  
 Foi mandar lhe degolar.

Nesse tempo era império  
 E havia força armada;  
 Zeferino era carrasco  
 Alma muito desgraçada,  
 Valdivino controlou-o  
 Prá fazer uma cilada.

Disse Valdivino: Eu dou-te  
 De minha herança metade  
 Si me puzer um cavalo  
 No sair desta cidade  
 E me salvar deste golpe  
 Do cadafalso em verdade!

O carrasco interesseiro  
 Com Valdivino acertou;  
 Comprou um belo cavalo  
 Ligeiramente guardou  
 Ensinou a Valdivino  
 E pela quadra esperou.

Na hora que Valdivino  
 Subiu prá ser enforcado  
 Antes de pisar na táboa  
 Zeferino assim de lado  
 Deu um golpe de mentira  
 E soltou o condenado.

Valdivino escapuliu  
 Entre a multidão pulou;  
 O povo o julgando morto  
 Para longe se afastou;  
 Ele já na direção  
 Do cavalo pinicou.

Impaciente Calar  
 Vendo aquela confusão;  
 Farejando Valdivino  
 Seguiu sua direção;  
 De vez em quando um latido  
 E não parava o rojão.

Valdivino volteava  
 Nos bécos, na disparada;  
 Porem com medo do povo  
 Tinha a vida atrapalhada;  
 De Calar no mocotó  
 Ele ouvia a cascalhada.

O cachorro abocanhou-o  
 De cheio no mocotó;  
 Puxando, o cabra caiu  
 Gritando: Acuda vovó!  
 O povo que vinha atraz  
 Esborrachou-lhe o cipó.

Então o povo zangado  
De corrente o amarrou;  
Ele voltou para a fôrça  
Toda história lá contou  
Entre ele e Zeferino  
O povo se revoltou.

Nesse mesmo dia à tarde  
Foi Zeferino enforcado  
E logo mais Valdivino  
Por outro carrasco honrado;  
Calar abanava a cauda  
Com o peito desabafado.

Depois enterraram os corpos  
Tudo Calar assistiu;  
E marchou para o general  
Beijou-lhe os pés e saiu  
Como quem diz: Obrigado!  
A justiça se cumpriu...

Depois do sepultamento  
O general procurou  
Calar por todos os cantos  
Porem a nada encontrou  
Nem noticia nos vizinhos  
Porque ninguem informou.

Porem no lugar das cruzes  
Um caçador que passava  
Viu quando Calar chegou  
Das cruzes se aproximava  
O caçador curioso  
Foi ver do que se tratava.

O cachorro ali chegou  
Beijou a primeira cruz  
Depois beijou a segunda  
Alí raiou uma luz  
Como na hora tristonha  
Que morreu o Bom Jesus.



E em seguida o cachorro  
A terceira cruz beijou;  
Olhou para o Infinito  
Alí se acocorou  
Beijou o chão onde estava  
Entre as cruzes se deitou...

O caçador vendo aquilo  
Foi olhar o cão de perto  
Mas ele já estava morto  
Entre as cruzes do deserto  
O caçador na cidade  
Contou tudo muito certo.

Lá espalhou-se a noticia  
Do que passou-se afinal  
E o general sabendo  
Daquele amigo leal  
Foi requerer do govêrno  
Para o cão um funeral.

E sendo bem apoiado  
O general ajuntou  
O povo da capital  
E para as cruzes rumou  
Lá encontrando Calar  
Com honras o sepultou.

Mandou erigir um túmulo  
Com decentes esplendores  
No qual botou uma placa  
Com letras de varias côres:  
"Calar, o cachorro amigo  
E fiel a seus senhores".

O caçador que havia  
Visto Calar falecer  
Era grande testemunha  
Pois o viu tambem nascer  
De todo caso sabia  
Sobre o cão vai nos dizer:

— "Calar, este velho cão,  
No dia do nascimento  
Foi jogado pelo dono  
Despresado no relento;  
Sebastião de Oliveira  
Passava nesse momento.

Pegou o pobre cãozinho  
Prá sua casa levou,  
Com muito mimo e carinho  
O inocente criou  
Pôs o nome de Calar  
Como se celebrizou.

Ele botou-lhe esse nome  
Do verbo *Silenciar*  
Porque calado o achou  
Já perto de expirar;  
Não grunhia nem latia  
O sentido era *Calar*...

Elisiário Amorim  
Era o pai de Valdivino  
Não sabia que mais tarde  
Por um designio divino  
Aquele cão serviria  
Para cumprir um destino.

Inda hoje na Bahia  
Há quem conte toda história  
Foi um drama que passou-se  
E não saiu da memória;  
Da família de Oliveira  
Só o cão teve a vitória.

Do povo de Elisiário  
Um vivente não ficou  
De toda sua fortuna  
O governo se apossou  
Deu de esmola à pobreza  
E a gazêta publicou.

Sebastião de Oliveira,  
Esmeralda e Angelita;  
Dona Maria da Glória  
Não tiveram boa dita  
Porem do acontecido  
Tem a história bonita.

Floriano se acabou,  
Seu último sono dormiu,  
Mas seu nome não morreu;  
A alma Deus conduziu;  
Lá na presença dos anjos  
Na glória ele sorriu.

E o feroz Valdivino  
Na vida nada arranjou;  
Morreu como desgraçado  
A História registrou  
E toda sua família  
Na miséria se acabou.

Maria da Glória é santa  
Angelita e Esmeralda;  
Na capela das Três Cruzes  
Ostenta sua grinalda.  
Ergue-se lindos ciprestes  
Levando aromas à fralda...

Porisso devemos ser  
Escolhidos do Senhor;  
Respeitar a honra alheia  
Elevar nosso valor;  
Inspirados neste drama  
Regeitemos a má fama  
Amemos o Criador.

4819

## ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

- UM DRAMA NAS SELVAS DO AMAZONAS** — Um drama sangrento, vivido nas selvas amazônicas, onde florescem seringais riquíssimos, e onde a ambição leva os homens a enfrentar perigos e feras. Em versos.
- ZÉ DO TELHADO** — História de um bandoleiro luzitano que vive as mais emocionantes aventuras, sendo como poucos, astuto, valente e dinâmico. Uma história de lances empolgantes e fabulosos. Em versos.
- JUVENAL E O DRAGÃO** — História de Juvenal, um jovem que ao perder o pai, recebeu a estranha herança de três carneiros. Trocou-os por três cães misteriosos e de aventura em aventura, consegue salvar uma linda princesa das garras de um temível dragão, ganhando seu amor pela vida toda. Em versos.
- O FILHO DO VALENTE ZÉ GARCIA** — História de um valente boiadeiro, que com um amigo, muda-se para uma cidade vizinha. Vive aventuras empolgantes, conseguindo derrotar os capangas do cruel fazendeiro, pai de sua amada. Uma história cheia de lances dramáticos. Em versos.
- O JULGAMENTO DE CANÇÃO DE FOGO NO CEU** — Cancão de Fogo é um personagem fabuloso, que consegue vencer a todos com sua astúcia e sua audácia. Após sua morte, é levado para o céu, onde deve ser julgado. O seu julgamento é inteligentemente defendido por si mesmo, que com sua lábia consegue envolver em sofismas seus julgadores. Em versos.
- A PRINCESA DO REINO DA PEDRA FINA** — A linda princesa encantada estava entregue a um cruel destino. Ninguém atrevia-se a tentar desencantá-la, até que surge um corajoso jovem disposto a tudo. Vivem de proezas fabulosas, consegue desencantá-la e ganha assim o seu amor. Em versos.
- O CASAMENTO DO MACACO COM A ONÇA** — Uma história tipo fábula, em que os animais vivem e pensam. Divertida narrativa, na qual a onça casa-se com seu proverbial e antigo inimigo, o astucioso macaco. Em versos.
- O CRIME DO POÇO** — Uma história de garimpeiros, onde a ambição cruel lança um jovem ao infortúnio. Assassinado e lançado no fundo do poço, o cadáver do desditoso rapaz é descoberto pela polícia, que resolve fazer justiça, provando mais uma vez que o crime não compensa. Em versos.

---

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**  
**Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo**